

Inquietude. Acerca das dimensões filosóficas, psicológicas e políticas de uma experiência existencial fundamental do ser humano que também foi motor na era dos descobrimentos e é um tema central na autodescrição das sociedades européias.

Desde o século XVII, a inquietude é um dos temas centrais na visão que a civilização européia tem de si própria.

O fenômeno da inquietude desperta inicialmente a atenção na antropologia, quer dizer, naquela forma de análise através da qual o homem se observa a si próprio. As pessoas verificam em si mesmas que são inquietas, embora presumivelmente elas preferissem uma quietude interior. O motivo dessa inquietude as próprias pessoas desconhecem. Existem muitos indícios de que a auto-referência, ou seja, o desligamento de um objeto ou de um apoio externo, a ausência de uma vinculação com as coisas, seja o motivo da inquietude. Quando olhamos para dentro de nós mesmos, na esperança de lá encontrarmos um apoio interior, vislumbramos apenas esse olhar, que tenta justamente prover a si mesmo da segurança necessária, mas não consegue. A inquietude, à qual estaremos nos referindo inicialmente, é a inquietude pessoal ou psíquica.

Ela tem diversas facetas. Aparece como uma inquietude do espírito, que está em busca de distração, de dispersão e de mudança, encontrando-as talvez num determinado convívio social. As pessoas com as quais nos encontramos nessa forma de sociabilidade – entendida aqui como convívio social nas camadas superiores – não são fáceis de satisfazer. Precisa-se estar sempre participando com a consciência alerta, a fim de pressentir quais são as suas cambiantes necessidades de entretenimento, pois, caso contrário, corre-se o risco de perder a sua benevolência. Assim falava François Loryot, num tratado de 1614 sobre as paixões do coração humano. Um princípio contrário à sociabilidade é constituído pela erudição e pelos estudos. Neles os interlocutores sociais, segundo Loryot, são as musas, que não exigem um grande cerimonial e podem ser prontamente satisfeitas, de modo que no contato com elas tem-se facilidade em encontrar paz e satisfação.

Um outro motivo condutor, ao lado da inquietude do espírito, são as já citadas paixões do coração humano. A elas pertence o amor apaixonado, que leva uma pessoa à inquietude justamente porque ela acaba ficando intimamente ligada à volubilidade e à inconstância de um outro. Um princípio contrário ao amor apaixonado é a amizade, que ensina a conhecer o outro não a partir do ponto de vista de sua imprevisibilidade, mas exatamente a partir do ponto de vista de sua constância e confiabilidade. Esse é um dos motivos para a extraordinária importância da teoria da amizade, até bem adentrado o século XVIII, e é um motivo que está vivo até hoje. Entre outros antídotos frequentemente mencionados está, é claro, o trabalho, que, como disse Jean Mabillon em 1691, é um peso salutar que fixa a nossa inquietude, e mesmo a diferenciação entre saúde e doença, tematizada sob este ponto de vista. A saúde pode ser um motivo que, pelo fato de não sentirmos o corpo, provoca inquietude. O corpo doente e dolorido, ao contrário, pode ao menos levar uma pessoa a se liberar da inquietude.

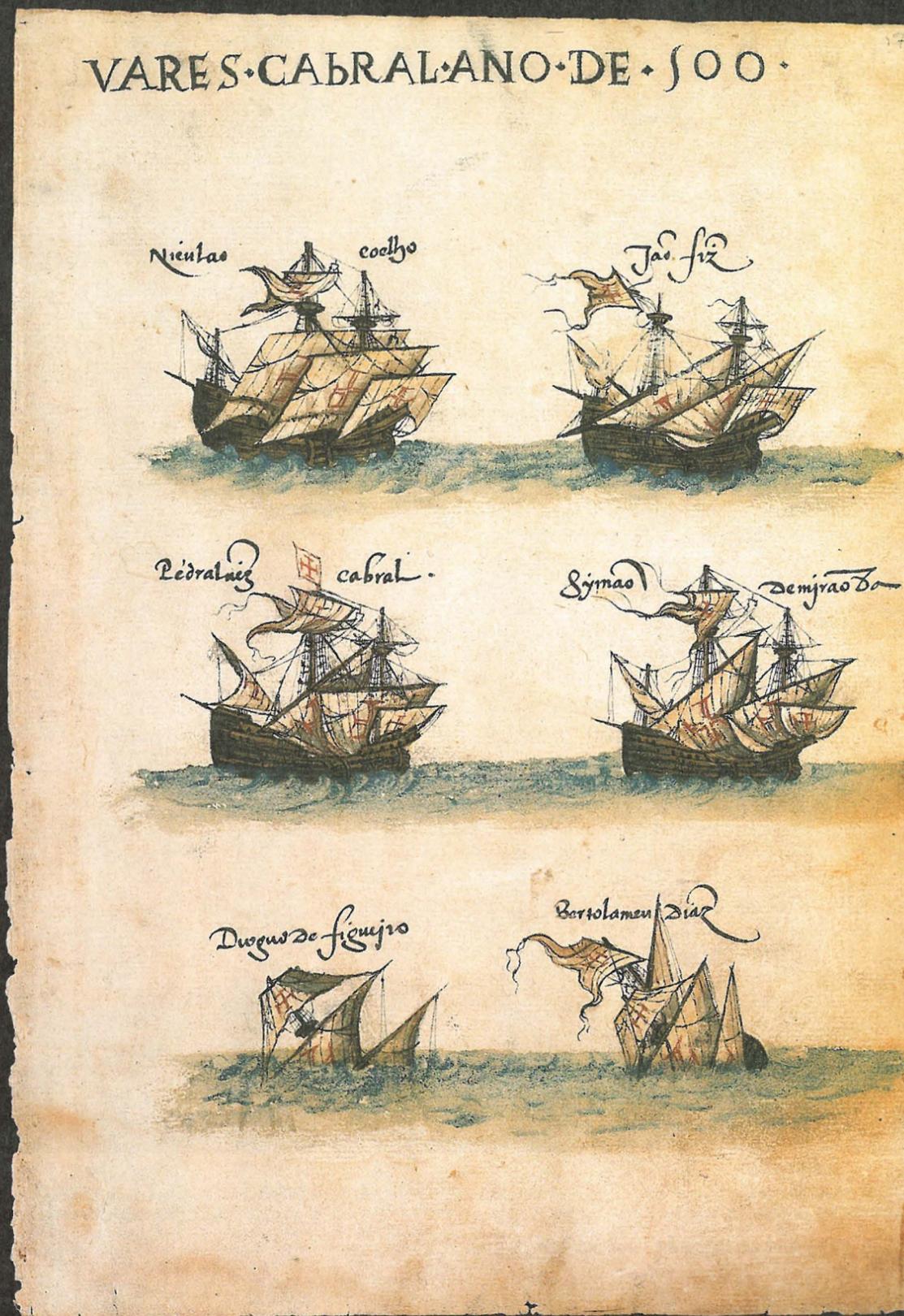
Um elemento central nesse esboço de formas da inquietude pessoal ficou em segundo plano. A inquietude da qual falamos

até agora é a das camadas superiores, da nobreza, das pessoas de posição. No *Leviatã*, Thomas Hobbes descreve esta relação quando diz que o ser humano é tanto mais problemático quanto mais à vontade estiver. A relativa facilidade das circunstâncias de vida nas quais se movem as pessoas de posição é exatamente o motivo que as leva a serem vítimas da própria inquietude.

Paralelamente a isto há um outro tema importante, mas disjunto, do início da Idade Moderna: *inquietudes*. Aqui falamos nas inquietudes, nas agitações potencialmente violentas das camadas inferiores, do homem da rua. Aqui tratamos das inquietudes sociais/políticas que tipicamente esperamos daqueles a quem não atribuiríamos uma inquietude pessoal/psicológica. Seria necessário ter uma estrutura psicológica suficientemente simples para poder tornar-se um fator de inquietude social. Mas o que as *inquietudes* sociais compartilham com as psicológicas é o fato de que a sua causa inicial é freqüentemente difícil de ser reconhecida. E, de maneira ainda mais intensa, o fato de *inquietudes e inquietude* não terem uma meta, nem um desfecho previsível. Em ambos os casos não se trata de processos teleológicos, de processos que visem a uma finalidade. Eles perduram ou se interrompem, mas isso não depende de um controle de sua finalidade. Aliás, existe evidentemente um equilíbrio entre a inquietude e as inquietudes: o perigo das inquietudes disciplina a inquietude das classes superiores, que têm algo a perder.

Como se apresenta a relação e a continuidade dos nossos dois motivos condutores, a inquietude psicológica e as inquietudes sociais, na sociedade moderna dos séculos XIX e XX? Gostaria de começar a esboçar uma resposta a partir de um texto-chave da descrição sociológica da modernidade, a *Filosofia do Dinheiro* de Georg Simmel, de 1900. Ele diz: “Nós sentimos a quietude, o substancial, aquilo que temos de firme nos conteúdos das nossas vidas, como aquilo que realmente tem valor, como o definitivo em relação ao cambiante, ao inquietante, ao externo.” A partir dessa preferência pelas substâncias e pela quietude, Simmel deduz a tendência para buscar ou postular as substâncias que estariam por trás do fugidío dos fenômenos. Por exemplo, um elemento térmico, que adentra nos corpos ou deles emana, ou fluidos elétricos ou magnéticos, um éter luminescente, no final do século XIX deveria unificar a luz e a eletricidade. Simmel vê entretanto que este tempo das hipóteses substancializadoras na ciência está ultrapassado, por mais psicologicamente satisfatórias que elas possam ter sido. No seu lugar surge um pensar relacional, que visualiza as relações entre os fenômenos e ao mesmo tempo pensa estas relações como movimentos, quer dizer, como mutáveis. O que se delineia a partir daqui é a normalização da inquietude e do movimento, uma predisposição para ver o movimento como única forma dentro da qual é possível pensar, quando muito, numa relativa tranqüilidade.

Uma segunda tendência central é aquela que relaciona mais intensamente a inquietude a aspectos externos. Seria necessário pensar no tema da sobrecarga informativa (*information overload*), com o que fica postulado que novas informações exigem

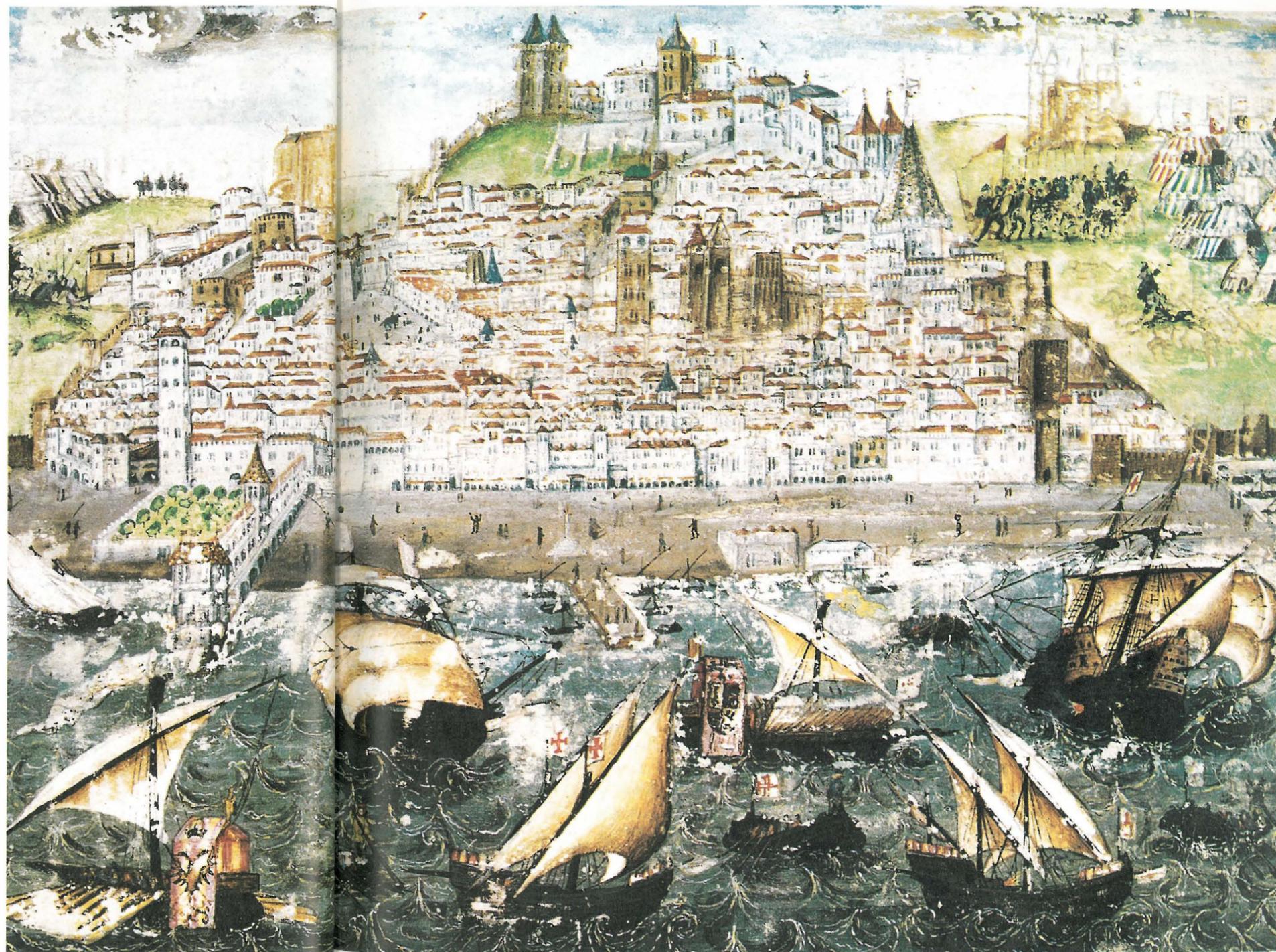


Armada de Cabral no livro de Lisuarte de Abreu, c. 1558–1564 • The Pierpont Morgan Library, Nova York
A 9 de março de 1500, partiu de Demém, Lisboa, uma armada de treze navios chefiada por Pedro Álvares Cabral. Um navio afundou-se na costa de Cabo Verde. A 22 de abril de 1500, foi avistado o litoral brasileiro. Depois de enviar um navio para Portugal com a notícia do descobrimento, Cabral seguiu para o Oriente, onde aportou com apenas sete dos navios iniciais. Destes, um perdeu-se e quatro naufragaram no Cabo da Boa Esperança. Avistou Calecute a 13 de setembro do ano de 1500 e, a 31 de julho do ano seguinte, regressava ao Tejo com apenas duas embarcações.
Ilustração em: Museu Aberto do Descobrimento, "O Brasil Renasce Onde Nasce", Fundação Quadrilátero do Descobrimento, 1994

cada vez mais da capacidade de assimilação psicológica do ser humano. Analogamente, poder-se-ia falar aqui na freqüentemente citada sobreexcitação dos sentidos pelas renovadas ofertas da propaganda. A grande mídia constitui enfim uma terceira área fenomenológica, que se sobrepõe claramente às duas primeiras, mas que também acrescenta os seus próprios fenômenos, por exemplo, através da proliferação de sempre novos fenômenos de entretenimento. O que têm em comum todos estes fenômenos é o fato de que o caráter antropológico da inquietude acaba se perdendo. Ela não é mais uma experiência espontânea fundamental do ser humano, que acaba sendo introduzida em determinados sistemas sociais, por exemplo, na sociabilidade. Em lugar disso, os macrossistemas da sociedade parecem tornar-se a fonte propriamente dita da inquietude e arrastar os seres humanos no seu turbilhão. Na medida em que isso acontece, dissolvem-se as antigas inter-relações entre inquietude e estratificação. A inquietude não é mais o privilégio, também visto como sofrimento, das classes mais altas; ela é imposta a todos cujo dia-a-dia está ligado ao moderno sistema funcional e, através disto, ela acaba sendo renovadamente normalizada. Os sistemas funcionais são, tal como Niklas Luhmann gosta de dizer, endogenamente inquietos. A única forma de estabilidade que lhes é acessível é uma estabilidade dinâmica, quer dizer, uma estabilidade que provém de ininterruptos processos de mudança.

Mas, nessas condições, o que ocorre com as inquietudes do início da Idade Moderna enquanto formas sociopolíticas da inquietude? Por um lado ainda encontramos a palavra inquietudes, agitações, quando se fala por exemplo de inquietudes ou agitações estudantis, ou de inquietudes ou agitações no meio operário. Mas nos dois casos também há à disposição uma outra maneira de referirmo-nos a elas, a saber *movimento* operário ou *movimento* estudantil. Com isso, fica evidente o caráter da cisão histórica. Na modernidade, o lugar das inquietudes, das agitações, é ocupado pelos *movimentos sociais*. Os movimentos sociais, entretanto, têm um motivo inicial bem concreto; eles têm um tema constante no tempo, que justamente define a sua identidade, como por exemplo, a paz ou a ecologia; mas principalmente eles têm um objetivo, por mais que este objetivo inicial possa estar submetido a impulsos de modificação. Os movimentos sociais não são mais, diferentemente das temidas agitações da velha Europa, um fator de perturbação, que deve ser evitado com temor. Ao invés disto, são um fenômeno paralelo que acompanha constantemente toda ordem política e social moderna. Há sempre muitos movimentos sociais coexistentes, o que faz com que o caráter ameaçador, que emana de cada um, se reduza nitidamente. Os movimentos sociais são uma das mais evidentes formas de mobilização da sociedade moderna e participam do caráter de estabilidade dinâmica próprio dos sistemas funcionais, como o da economia e o da ciência, e dos sistemas psíquicos individualizados. Desta forma, a inquietude é uma obviedade cotidiana e inevitável da sociedade moderna.

Rudolf Stichweh é professor de Sociologia Geral e Teoria da Sociologia na Universidade de Bielefeld. Edita a revista *Soziale Systeme* e publicou várias obras, sendo a mais recente *Niklas Luhmann – Wirkungen eines Theoretikers* (1999). Suas investigações têm como ênfase a teoria da sociedade mundial, a sociologia do outro, bem como a evolução sociocultural.



Vista de Lisboa. Numa iluminura dos inícios do século XVI, na *Crônica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão. Lisboa torna-se uma cidade extraordinariamente movimentada na época dos Descobrimientos, quando cabe a Portugal o papel de intermediário por excelência do comércio mundial. Museu Condes de Castro Guimarães, Cascais, Portugal
Ilustração em: Museu Aberto do Descobrimento, "O Brasil Renasce Onde Nasce", Fundação Quadrilátero do Descobrimento, 1994



Descobertas 1500-2000

- 2 *Luiz Felipe de Alencastro*
Descobrir o quê?
- 4 *Rudolf Stichweh*
Inquietude. Acerca das dimensões filosóficas, psicológicas e políticas de uma experiência existencial fundamental do ser humano que também foi motor na era dos descobrimentos e é um tema central na auto-descrição das sociedades européias.
- 8 *Eduardo Lourenço*
América Latina: entre Natureza e Cultura. Considerações acerca de dois conceitos fundamentais para a compreensão do mundo, no decorrer dos tempos.
- 12 *Thomas Sträter*
O Brasil, uma ilha. De onde vem esta idéia estranha? Que mito é este? Se houve um equívoco do ponto de vista geográfico, em tempos remotos, como pôde sobreviver até os dias de hoje?
- 16 *Aikyry Waiãpi*
“Nós waiãpipensávamos que o céu recomendava com a terra.” Notícias de um professor indígena.
- 18 *Suzi Frankl Sperber*
A força criadora da palavra. A pretensa falta de qualidade poética e profundidade intelectual nos mitos dos Desana são preconceitos determinados por uma perspectiva colonialista.
- 24 *Michael Müller*
VERDE – Um projeto para a Amazônia. O intercâmbio cultural leal com povos indígenas no centro de um trabalho de engajamento artístico e social.
- 26 *Edimilson de Almeida Pereira*
A ingoma e o rosário. Ritos religiosos e festas do Congado mostram como a população negra de uma pequena comunidade de Minas Gerais percorre um caminho entre a assimilação e a delimitação, na busca da identidade.
- 30 *Tiago de Oliveira Pinto*
Quinhentos e mais anos de boca em boca. A música é um meio por excelência para ilustrar os caminhos que levaram a novas configurações da cultura.
- 32 *Hubert Fichte*
O transe no sincretismo afro-americano. Extratos de um manuscrito de 1975, ainda inédito, sobre as experiências do escritor alemão no Nordeste brasileiro.
- 36 *Dietrich Briesemeister*
“Terra Nova Prísilia”. Uma coleção ímpar de livros antigos do e sobre o Brasil está guardada – como um tesouro – na central de um conglomerado internacional no sul da Alemanha.
- 38 *Joaquim Marçal Ferreira de Andrade*
Posse da terra através da lente. Um tesouro ainda pouco explorado documenta a colonização dos alemães no Brasil do século XIX e sua presença marcante na fotografia brasileira desde as suas primeiras utilizações.
- 44 *Berthold Zilly*
A reinvenção do Brasil a partir dos sertões. Como Canudos é a quintessência do sertão, e o sertão a quintessência do país, o livro de Euclides da Cunha “*ε*” o país, ele reinventa o Brasil, contribuindo para a idéia que a nação tem de si mesma.
- 52 *George Bernard Sperber*
Brincar, verbo transitivo. De como o antropólogo alemão Theodor Koch-Grünberg enriqueceu, sem querer, o vocabulário brasileiro e como a pesquisa dele serviu de inspiração aos escritores Alfred Döblin e Mário de Andrade.
- 56 *Ray-Güde Mertin*
Quem descobriu quem? Recordar-se do descobrimento do Brasil foi o ponto de partida para três romances da mais recente literatura brasileira. Notícias da “terra dos papagaios” – uma nação diferente?
- 58 *Eliana de Simone*
Nômades, peregrinos, cidadãos do mundo. Identidade cultural e práxis artística na Era da Mobilidade – um dos conceitos mais adequados para caracterizar a turbulenta passagem de século.
- 62 *Laymert Garcia dos Santos*
As Potências da Terra. Em 2000, são rememorados os princípios de uma definição geopolítica do Brasil enquanto Estado e nação. Em contraposição, uma exposição criada por iniciativa do Instituto Goethe de São Paulo tematiza os aspectos telúricos do país e da terra.
- 64 *Ronald Balczuweit-Ladwig*
“O povo é o mito da burguesia”. Acerca da construção da identidade nos filmes de Glauber Rocha, o mais importante representante do Cinema Novo.
- 66 *Paula Morgado*
Entre o etnocentrismo e a alteridade. O projeto fílmico “Os Brasis Indígenas” reflete a imagem do índio no Brasil. Os vídeos e filmes, criados em quase meio século, foram produzidos por cineastas nacionais – também indígenas – e internacionais.
- 69 *Henry Thorau*
Tragédias cariocas nos palcos alemães. Nenhuma outra obra dramática brasileira teve na Alemanha uma recepção semelhante à do politicamente controverso autor Nelson Rodrigues (1912-1980).
- 74 *Sebastião Milaré*
Mapeamento do desconhecido íntimo. O vasto projeto “Viagem ao Centro do Círculo” conduziu o diretor teatral alemão Stephan Stroux a quase todos os países de língua portuguesa, onde o “mapeamento” se faz através da memória, do gestual e do canto dos atores como elementos de sua cultura viva e sempre complexa.
- 79 *João das Neves*
A dança das etnias. O teatro oferece um foro ao círculo dos quase sempre excluídos das promoções culturais oficiais e lhe propicia de maneira inconventional acesso à literatura.
- 84 *Uta Atzpodien*
A transformação pela experiência. O diretor de 31 anos da “Companhia do Latão”, um dos mais notáveis grupos jovens de teatro do Brasil, é um dos principais teóricos do país. Um diálogo sobre Brecht e as conseqüências.
- 88 *Manfred von Conta*
“Minha viagem de descoberta ao Brasil”. Pedro Álvares Cabral chegou ao sul da Bahia meio milênio atrás. Há quinze anos, o autor vem penetrando nas florestas e na paisagem de colinas por ele vislumbradas.
- 92 *Burkhard Brunn*
“Venham me comer! Vocês vão degustar sua própria carne.” Observações acerca da antropofagia.
- 96 *Ines Koebel*
“Ah, minha cidade suja de muita dor em voz baixa”. Um perfil literário de São Luís do Maranhão, cidade colonial no Nordeste do país.

Noticiário

99 As gravuras de Albrecht Dürer no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

O Instituto Goethe de Porto Alegre investiga a participação dos imigrantes alemães e italianos no desenvolvimento político, econômico e cultural do Sul.

Como Portugal comemora o descobrimento do Brasil? O programa oficial de festejos compõe-se sobretudo de exposições e publicações.

“Heimatklänge 2000” – o Festival de “World Music” de Berlim. Propostas para uma nova ação em prol da música brasileira.

“Soundscapes (be)for(e) 2000 Festival”

A Companhia Paulo Ribeiro, de Portugal, no Teatro Hebbel de Berlim

Pesquisas encontram na Amazônia sinais de cidades indígenas com até dez mil moradores

A jovem fotoperiódista Gleice Mere mostrou em Colônia sua documentação sobre os Kalunga.

A Dança do Corpo